



## MERCADO

Investidores estrangeiros reagem à decisão do Banco Central de não reduzir a taxa de juros exigindo rendimentos mais altos pelos títulos brasileiros. Mas forte entrada de dólares no Brasil acalma parte dos especuladores

# Risco-país volta a subir

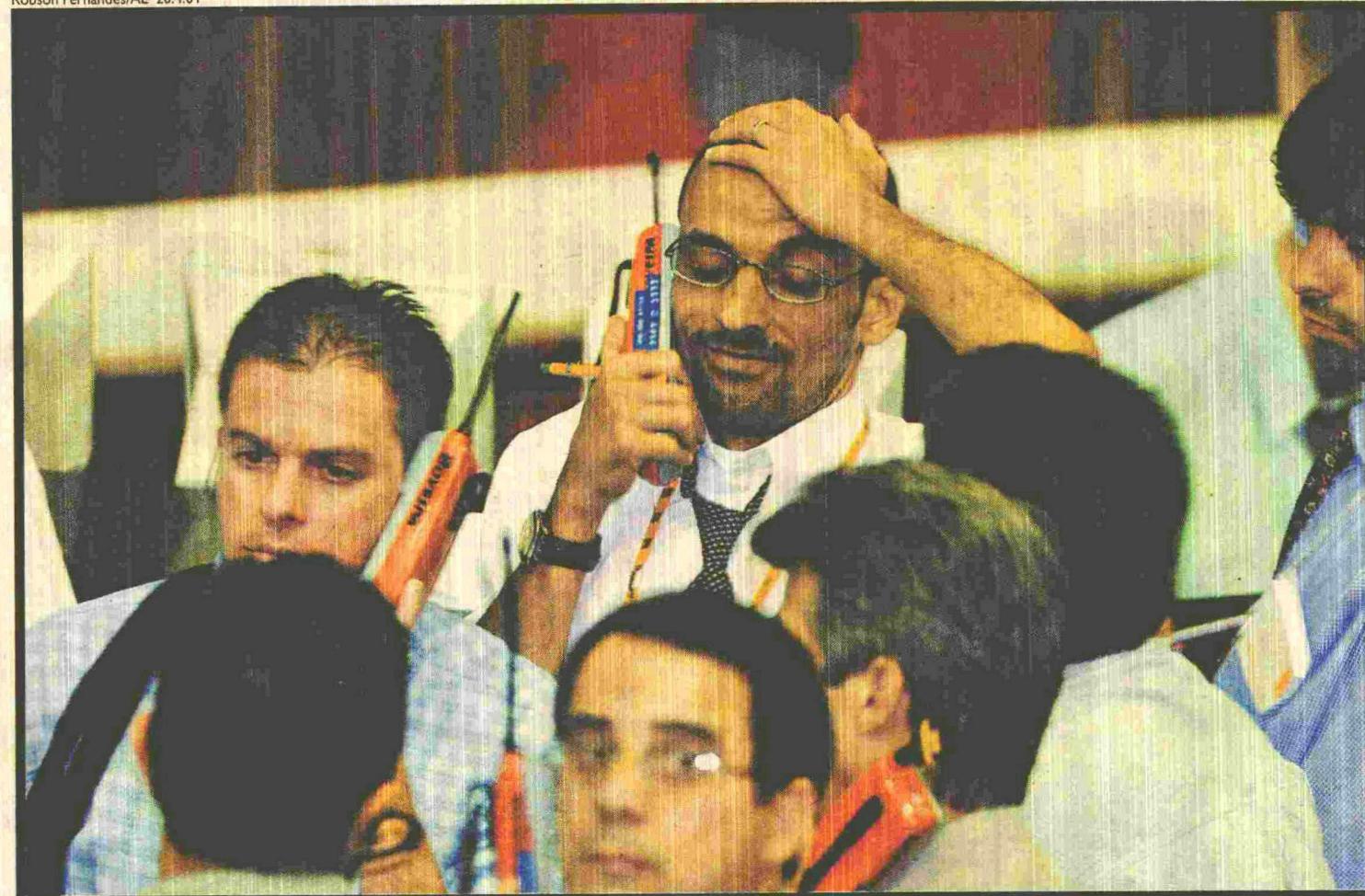
Ricardo Leopoldo  
Da equipe do **Correio**

**S**ão Paulo — Boa parte do mercado financeiro ficou frustrada com a decisão do Banco Central de manter a taxa anual de juros em 18,5%, com a ressalva de que poderá reduzi-la em breve. A Bolsa de Valores de São Paulo caiu 2,77%. Investidores internacionais, movidos pela queda das bolsas americanas, venderam com força títulos da dívida externa de países em desenvolvimento. O C-bond, o papel brasileiro mais negociado em Nova York, fechou ontem a US\$ 0,6287, abaixo dos US\$ 0,6562 da terça-feira.

Como consequência da queda do C-bond, subiu muito o risco-país do Brasil. Esse índice mostra o rendimento adicional que investidores pedem para comprar títulos do Brasil — além dos juros pagos por papéis de vencimento semelhante emitidos pelo Tesouro dos Estados Unidos — por conta do risco maior que os papéis brasileiros apresentam ao comprador.

O risco brasileiro pulou de 12,81 para 13,82 pontos percentuais, a maior cotação dos últimos nove meses. Para alguns executivos de bancos, o BC mostrou que não está confiante de que o dólar baixará para níveis mais razoáveis, entre R\$ 2,55 e R\$ 2,60, nas próximas quatro semanas, antes da

Robson Fernandes/AE 20.4.01



CORRETORES DECEPCIONADOS COM MAIS UM DIA RUIM PARA O MERCADO DE AÇÕES: BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO FECHOU EM QUEDA DE 2,77%

nova reunião do Comitê de Política Monetária.

“Se o BC está inseguro, o investidor estrangeiro fica estimulado a vender os papéis da dívida externa”, avalia o tesoureiro

de um dos maiores bancos nacionais. Muitos investidores aguardavam a queda dos juros como um estímulo à retomada da economia, cujo crescimento não deverá passar de 2% neste

ano. Para empresários e analistas, a redução das chances de expansão do país aumenta as chances do principal candidato da oposição, Luiz Inácio Lula da Silva, ser eleito em outubro.

Um reflexo imediato dessa percepção foi a subida dos contratos de juros da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) negociados para vencimento em janeiro, quando o próximo pre-

sidente tomará posse. As taxas subiram de 22,95% na terça-feira para 23,98% ontem. Se cresce a avaliação dos investidores de que Lula vencerá, sobem as incertezas relativas à economia no início do seu governo, na opinião dos agentes do mercado.

O ingresso no país de um bom volume de dólares — perto de US\$ 250 milhões — fez com que a moeda americana fechasse ontem em queda de 0,26%, a R\$ 2,7070. A entrada desses dólares aliviou o trabalho do Banco Central, que pouco interveio no mercado. O BC chegou a perguntar a grandes bancos quanto pagariam pela compra da moeda americana. Mas a instituição, não vendeu dólar à vista como fez na terça-feira, quando negociou US\$ 50 milhões.

O Banco Central manteve, de forma mais suave, sua estratégia de encurtar o vencimento de títulos da dívida interna. A instituição trocou R\$ 1 bilhão em Letras Financeiras do Tesouro, com data de 2003 para novembro deste ano.

De acordo com analistas, o BC deverá voltar a fazer fortes intervenções hoje caso o dólar suba. Há preocupação especial com a repercussão no mercado da divulgação de nova pesquisa presidencial realizada pelo Ibope, prevista para hoje.

LEIA A SEÇÃO  
INDICADORES  
NA PÁGINA 18